

A RESSURREIÇÃO¹

Paulo César Nodari²

Este texto tem por objetivo apresentar algumas ideias centrais a respeito da ressurreição de Jesus, as quais serão apresentadas de forma bastante simples, de maneira que a todos seja compreensível o conteúdo, e, acima de tudo, a todos leve a convicção cristã de que a ressurreição de Jesus, por um lado, é a “grande surpresa” de Deus, e, por outro, é a centralidade a partir da qual a história ganha todo um novo sentido, ou seja, sentido escatológico. A seguir, procura-se apresentar algumas ideias centrais acerca da ressurreição, as quais recebem um grifo nosso em itálico, e a partir das mesmas desenvolver a reflexão de sua relevância para a fé cristã. Além do mais, frisa-se que o presente texto não tem pretensão de apresentar teses novas acerca do tema, mas apenas sublinhar algumas ideias importantes acerca da ressurreição de Jesus para a fé cristã e para a vida e ação pastoral das comunidades eclesiais.

Vida, paixão, morte e ressurreição formam uma unidade indivisível. Vida, paixão, morte e ressurreição constituem a totalidade de um único mistério, o qual se pode denominar de Mistério Pascal. É preciso, pois, olhar a ressurreição de Jesus no eixo morte-ressurreição. A cruz e a sepultura de Jesus só têm significado à luz do evento pascal, isto é, da passagem de Jesus da morte para a ressurreição. A ressurreição dá sentido para todo Mistério Pascal. Por isso, é também o fundamento e a razão última da fé cristã. Assim, o eixo morte-ressurreição não pode em absoluto ser separado. Logo, se, por um lado, na morte tem-se o movimento de fora para dentro, ou seja, a história atinge a Deus, por outro, na ressurreição tem-se o movimento de dentro para fora, ou seja, Deus atinge a história. A ressurreição é ação de Deus. É graça que vem do alto. Não é ação humana, mas sim, ação divina.

Para os primeiros cristãos, por cima de qualquer outra representação ou esquema mental, a ressurreição de Jesus é a atuação de Deus que, com sua força criadora, o resgata da morte para introduzi-lo na plenitude de sua própria vida. Assim o repetem sempre de novo as primeiras confissões de fé cristãs e os primeiros pregadores. Por assim dizer, Deus acolhe Jesus no próprio interior da morte, infundindo-lhe toda a sua força criadora. Jesus morre gritando: “Meu Deus, por que me abandonaste?” e, ao morrer, encontra-se com seu Pai, que o acolhe com amor imenso, impedindo que sua vida fique aniquilada. No próprio momento em que Jesus sente que todo o seu ser se perde definitivamente seguindo o triste destino de todos os humanos, Deus intervém para dar-lhe sua própria vida. Onde para Jesus tudo acaba, Deus começa algo radicalmente novo. Quando tudo parece irremediavelmente no absurdo da morte, Deus começa uma nova criação. (PAGOLA, 2011, p. 496).

¹ Este texto foi escrito para a palestra: Ressurreição de Jesus. Está palestra faz parte e está inserida no Projeto Fé e Cultura na Igreja São Pelegrino, proferida no dia 10 de abril de 2013, em Caxias do Sul.

² Padre da Diocese de Caxias do Sul. Professor de filosofia da Universidade de Caxias do Sul.

A ressurreição é a grande novidade de Deus, ou seja, é a ação inesperada de Deus. A ressurreição se dá no terceiro dia. É o “dia decisivo”. É o dia reservado para a alegria após dias de sofrimento e tribulação. É o dia que trará a salvação. É o dia da ressurreição dos mortos (Os 6, 1-2). O terceiro dia mais que uma data teológica é o dia que marca a reviravolta depois da catástrofe da cruz. Refere-se ao dia em que foi encontrado o sepulcro vazio (RATZINGER, 2011, p. 231). A ressurreição, que é o auge da vida de Jesus e do processo da aliança de Deus com o seu povo, funda a experiência das primeiras comunidades cristãs e do discipulado de Jesus Cristo. A ressurreição, confirmada pela vinda do Espírito Santo, é fonte de vida e entrega para o amor ao próximo, pois é a máxima expressão do amor de Deus em Jesus Cristo à humanidade. A ressurreição é a confirmação da nova aliança em Jesus Cristo. É o ápice do processo da aliança na história da salvação, pois Jesus ressuscitado é o Reino de Deus em plenitude, que irrompe na história humana. Se Cristo não tivesse ressuscitado a pregação seria em vão (1Cor 15,14). A ressurreição é a resposta de Deus a toda a vida de Jesus. É a resposta à sua pregação do Reino. É a resposta de Deus ao grito do Filho. Resposta não diferente do grito dos filhos do Egito e de tantos filhos por mais vida, pela superação das injustiças. É sinal da vitória da vida sobre a morte. É expressão de fidelidade de Deus à aliança como o Deus que ouve o clamor do povo e opta pelos mais fracos. É a totalidade do amor do Pai que comunga do projeto do Filho e abre um horizonte todo novo, recriando a humanidade, dando-nos a certeza de nossa ressurreição. A ressurreição de Cristo dá sentido à sua morte. Torna-se morte de salvação. A sua vida ressuscitada é signo de liberdade e início da transformação de toda humanidade e do mundo pelo Espírito de Deus. É fundamental ao cristão entrar na dinâmica da ressurreição. “O processo para se tornar crente desenrola-se de modo análogo ao que sucedeu com a crua. Ninguém pensara em um Messias crucificado. Agora o ‘fato’ estava ali; e, com base em tal fato, era preciso ler a Escritura de modo novo.” (RATZINGER, 2011, p. 220). A ressurreição é o novo na história. É o inesperado que vem de Deus. “A ressurreição de Jesus foi a evasão para um gênero de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso: uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem.” (RATZINGER, 2011, p. 219).

Na ressurreição de Jesus Cristo Deus se revela como o “Deus das vítimas”. A ressurreição de Jesus é a ressurreição de uma vítima. Com a ressurreição de Jesus, o Pai não só o livra da morte, como também faz justiça a quem foi vitimado, revelando o “ser de Deus” (PAGOLA, 2012, p. 371). A ressurreição é a resposta de Deus ao que fizeram com seu Filho. Na cruz Deus silencia. “Esse silêncio não é manifestação de sua impotência para salvar o Crucificado. É a expressão de sua identificação com aquele que sofre. Deus está ali,

compartilhando até o final o destino das vítimas. Os que sofrem devem saber que não estão mergulhados na solidão. O próprio Deus está em seu sofrimento.” (PAGOLA, 2012, p. 371). É a resposta a todo o sistema de injustiça e pecado. O Pai faz ressuscitar com Jesus todo o projeto de vida. A face de Deus é revelada na ressurreição de Jesus. “Deus é aquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos” (Rm 4, 24). Jesus Cristo glorioso é a imagem do Pai. Ele revela a sua face. Toda a vida de Jesus foi uma revelação de Deus Pai. A ressurreição é o maior prodígio de Deus. Pela ressurreição, Jesus é constituído o Senhor da nova aliança e enviou o Espírito Paráclito, para renovar e recriar a humanidade através da memória e ação de Jesus. Ele nos leva à comunicação plena na Trindade, com os outros e com todo o universo. O Ressuscitado é, então, Aquele que desce, resgata o ser humano e o leva para o Pai. Noutras palavras, a ressurreição anuncia que o amor se sobrepõe à morte e que o dom definitivo do Criador sobre a criação não é o sofrimento, mas o amor e a alegria, não é a injustiça, mas a salvação (GRUPO FONTE, 2012, p. 164). Deus ressuscitou, portanto, Jesus dentre os mortos (Rm 10, 9). É o Pai que “desperta” e “levanta” Jesus de entre os mortos. Embora com nuances diferentes, mas é sempre a atuação amorosa de Deus Pai no “despertar” e “levantar” do Filho. Afirma, pois, Pagola:

Ele não permaneceu passivo diante da execução de Jesus. Interveio para arrancá-lo do poder da morte. A ideia de ressurreição expressam-na com dois termos: “despertar” e “levantar”. O que estas duas metáforas sugerem é impressionante e grandioso. Deus desceu ao próprio *Sheol* e adentrou o país da morte, onde tudo é escuridão, silêncio e solidão. Ali jazem os mortos cobertos de pó, adormecidos no sono da morte. Dentre eles, Deus “despertou” Jesus, o crucificado, o pôs de pé o “levantou” para a vida. (PAGOLA, 2011, p. 491).

A ressurreição de Jesus é um fato que se dá na história e para além da história. A ressurreição não é o mesmo que a crença na imortalidade da alma. A ressurreição não é simplesmente a crença filosófica da vida da alma após sua separação do corpo. É a Nova Criação. É o grande dom de Deus. É a grande intervenção de Deus. “Onde para Jesus tudo acaba, Deus começa algo radicalmente novo. Quando todo parece afundar irremediavelmente no absurdo da morte, Deus começa uma nova criação.” (PAGOLA, 2011, p. 497). A ressurreição é mais que um acontecimento histórico. Não é um acontecimento como o foi a encarnação e a crucificação de Jesus. É um acontecimento que se dá na história, mas que rompe o âmbito da história. A ressurreição é “(...) uma espécie de salto radical de qualidade em que se entreabre uma nova dimensão da vida, do ser humano.” (RATZINGER, 2011, p. 244). A ressurreição é, pois, um acontecimento que não cabe, ou seja, transborda as estruturas humanas deste mundo em que vivemos. Ela ultrapassa o que podemos observar neste mundo.

Ela é um acontecimento que ultrapassa um “fato histórico” como tantos outros que aconteceram (PAGOLA, 2011, p. 497). Acerca do acontecimento é preciso dizer mais, de acordo com o próprio Ratzinger.

Por um lado, temos de dizer que a essência da ressurreição está precisamente no fato de que ela rompe a história e inaugura uma nova dimensão que, habitualmente, chamamos de escatológica. A ressurreição descerra o espaço novo que abre a história para além de si mesma e cria o definitivo. Nesse sentido, é verdade que a ressurreição não é um acontecimento histórico do mesmo gênero que o nascimento ou a crucifixão de Jesus. É algo novo, um gênero novo de acontecimento. Ao mesmo tempo, porém, é preciso não esquecer que ela não está simplesmente fora ou acima da história. Como erupção para fora da história e para além dela, a ressurreição tem, contudo, o seu início na própria história e até certo ponto pertence a ela. Talvez se pudesse exprimir tudo isso assim: a ressurreição de Jesus ultrapassa a história, mas deixou o seu rastro na história. Por isso pode ser atestada por testemunhas como um acontecimento de qualidade completamente nova. (RATZINGER, 2011, p. 245).

O amor de Jesus é redentor. Jesus encarnou-se e fez história. Profetizou e testemunhou até a morte de cruz a utopia do Reino de Deus, experimentando aí o fracasso de seu projeto. A execução de Jesus pôs em questão toda a sua mensagem e atuação. Com a morte de Jesus morre também seu projeto do reino de Deus e suas pretensões. “Se Jesus tinha razão ou não, só Deus o podia dizer.” (PAGOLA, 2011, p. 514). Com a ação ressuscitadora do Pai, Deus confirmou toda a ação do Filho. O Pai confirmou todo o seu amor ao Filho. Com a ressurreição, tem-se a convicção de que o poder e a vida de Deus são mais fortes que a morte. O mal tem poder, mas só até a morte. “Para além da morte só tem poder o amor insondável de Deus.” (PAGOLA, 2011, p. 515). Jesus morreu confiando no Pai e, ao morrer, ele entrou na “glória de Deus” (PAGOLA, 2011, p. 516). Segundo Comblin, Jesus teve que enfrentar o perigo da morte desde os primeiros tempos de sua missão. Os evangelistas não ocultam a luta de Jesus em superar o medo da morte. “Os evangelhos mostram que Jesus enfrentou esse perigo desde o início até o fim.” (2010, p. 45). A morte, então, “(...) foi o ato supremo da liberdade de Jesus.” (COMBLIN, 2010, p. 46). Nesse sentido: “Ele não morreu para o vazio do nada, mas para a comunhão plena com Deus. O Pai não o salvou *da* morte, mas sim *na* morte. Pode-se dizer que, ao ressuscitá-lo, Deus o gerou como o filho mais querido.” (PAGOLA, 2011, p. 516). Nessa perspectiva, ainda que o sofrimento continue sendo mau, ele se transforma na experiência humana mais sólida e real para viver e expressar o amor. É o amor o meio pelo qual se tem a redenção.

O que dá valor redentor ao suplício da cruz é o amor e não o sofrimento. O que salva a humanidade não é algum “misterioso” poder salvador contido no sangue derramado diante de Deus. Por si mesmo, o sofrimento é mau, não tem nenhuma força redentora. Não agrada a Deus ver Jesus sofrendo. A única coisa que salva no

Calvário é o amor insondável de Deus, encarnado no sofrimento e na morte de seu Filho. Não há nenhuma outra força salvadora a não ser o amor. (PAGOLA, 2011, p. 520).

A ressurreição de Jesus é novidade e transformação radical. Jesus, com a ressurreição, não voltou a uma vida humana. Jesus não retorna à vida biológica para depois um dia morrer de forma irreversível, como foi o caso de Lázaro, a filha de Jairo, e de outros mortos ressuscitados por Jesus. Jesus não retorna à vida terrena, ou seja, não retorna a uma vida humana normal. “A Ressurreição é um ato de Deus arrancando Cristo da morte ‘total’, da morte ‘metafísica’ ou ‘teológica’ (como queira, mas verdadeira morte, morte total, existencial), não simplesmente morte biológica, material, sem o que a Ressurreição correria o risco de ser apenas uma ‘ressurreição’ biológica.” (GESCHÉ, 2004, p. 156). Assim sendo, a ressurreição não é também uma simples reanimação pessoal. Ela “(...) aparece inteiramente como aquilo que ela é, a saber, uma vitória contra a morte, e não simplesmente, se se pode dizer, contra uma morte, contra tal morte. É a morte que é vencida, a partir do seu próprio espaço, ‘na casa dela’.” (GESCHÉ, 2004, p. 157). Com a ressurreição, Jesus, o Cristo, entra definitivamente na “vida de Deus” e dessa vastidão e plenitude da vida de Deus Ele se manifesta aos seus. A ressurreição de Jesus já não pertence propriamente a um “fato histórico”. É a atuação de Deus com sua força criadora no resgate da morte para introduzir Jesus na plenitude da “vida de Deus” (PAGOLA, 2011, p. 496). Na ressurreição de Jesus dá-se o que seria impossível de outra forma. Afirma Moltmann acerca da “ressurreição dos mortos” com a ressurreição de Jesus.

“Ressurreição dos mortos”, em primeiro lugar, exclui qualquer pensamento referente a um reavivamento do Jesus morto, com a qual sua morte teria sido anulada. A fé pascal jamais pode implicar que o Jesus morto tenha voltado a esta vida, que conduz à morte. Se fosse assim, então, uma nova morte de Jesus seria esperada, tal como sucedeu a Lázaro, que, segundo João 11, embora o cadáver já cheirasse mal, foi ressuscitado por Jesus, mas tornou a morrer mais tarde. O símbolo “ressurreição dos mortos” expressa uma vida qualitativamente nova, que não conhece mais a morte e, por isso, não pode ser uma sequência desta vida mortal. “Sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, há não morre”, disse Paulo (Rm 6.9). Ressurreição significa “vida dentre os mortos” (Rm 9.15) e está vinculada à aniquilação do poder da morte. “Ressurreição dos mortos”, por outro lado, exclui qualquer ideia sobre “uma vida após a morte”, da qual falam muitas religiões, seja na ideia da imortalidade da alma ou na compreensão da sua transmigração. A vida da ressurreição não é uma continuação da vida após a morte, seja na alma ou no espírito, nos filhos ou na fama dos grandes feitos, mas expressa aniquilação da morte na vitória da nova vida eterna (1Cor 15.55). a concepção de “vida após a morte” pode coexistir pacificamente com a experiência de que essa vida é uma “vida orientada para a morte”. Mas “ressurreição dos mortos” compreendida como esperança presente no meio do “corpo da morte” contradiz o mais duro fato da vida e não pode deixar a morte nem os mortos em sossego, afinal, essa esperança simboliza o futuro dos mortos. (MOLTMANN, 2011, p. 211).

Não obstante a grandeza da novidade da ressurreição de Jesus pela ação do Pai, Deus continua com sua maneira suave de agir. Jesus, o Cristo, continua construindo Sua história com a humanidade. Ele não se impõe pela força exterior, mas dá liberdade e concede e suscita o amor. Revela-se grande manifestando-se como pequeno (RATZINGER, 2011, p. 246). Noutras palavras, a ressurreição de Jesus e Suas aparições aos Seus é um marco, ou seja, um salto de qualidade decisivo na vida dos discípulos de Jesus. É a inauguração de uma vida nova. “A ressurreição de Jesus foi a evasão para um gênero de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso: uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem.” (RATZINGER, 2011, p. 219). Com a ressurreição de Jesus dentre os mortos o futuro já começou. A história ganha novo sentido, a saber, sentido escatológico. Em Jesus antecipa-se o que acontecerá no fim da história. “Somente a nova criação em Cristo e por Cristo irá comprovar o *novum* da anunciação de Jesus e o *novum* de sua antecipada ressurreição dentre os mortos. Isso aponta para uma ‘verificação escatológica’.” (MOLTMANN, 2011, p. 216). Trata-se, pois, de ir percebendo o rico processo de adesão convicta à fé no Ressuscitado, lembrando, no entanto, que o mesmo não se dá espontaneamente, mas é um processo de busca contínua e perseverante de amor e de convicção.

A entrada na vida tem nome: o mesmo que designa o novo nascimento. Esse nome é a fé. O ato que inaugura a vida nova é o ato de crer. Contudo, fé, crer, acreditar não têm no evangelho o sentido que se lhes atribui na linguagem comum. Por outro lado, a entrada na vida nova não se efetua num momento limitado; trata-se, antes, de um movimento de transformação permanente. O ato inicial de fé há de refazer-se nos diversos aspectos e nas diversas circunstâncias da vida. Sempre é o mesmo ato, a mesma insistência no mesmo ato. Porém esse ato não se acaba num instante; ele envolve todos os momentos da existência com a novidade de cada dia. (COMBLIN, 2009, p. 77).

O Ressuscitado aparece aos Seus e inicia-se o tempo da missão da Igreja. Afirma São Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação, é vã a vossa fé. E nós aparecemos ainda como falsas testemunhas de Deus, porque contra Deus afirmamos que Ele ressuscitou a Cristo (1 Cor 15, 14-15). Ou seja, somente se Jesus ressuscitou aconteceu algo totalmente novo. Ele se torna o critério da vida nova. É o ponto decisivo. É a afirmação na fé da existência de uma realidade ulterior à existência terrena que conhecemos. Mas, para tanto, faz-se necessário, pois, o encontro com o Ressuscitado. Nesse sentido, contando com os Seus, o Ressuscitado aparece aos que Ele chamou para estarem Consigo. Os Doze continuam sendo como que a pedra basilar, sublinhado, porém, a importância primordial do encargo e missão

de Pedro, a de ser testemunha do Ressuscitado na missão da Igreja, a ponto de ter a coragem de afirmar convictamente que Jesus de Nazaré o Ressuscitado, o Senhor, o Ungido do Pai. “Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos.” (At 3, 15). Esta é a experiência de fé original dos primeiros cristãos: “Jesus é o Senhor” (Fl 12, 11). Jesus é o Cristo. E Cristo é o mesmo Jesus histórico. “E disso, nós somos testemunhas” (At 3, 15b). A partir da Páscoa da nova Aliança, o mistério da ressurreição de Jesus é manancial de alegria e paz para as mulheres que o buscam de madrugada, para os temerosos discípulos que se trancam no Cenáculo, e para todos que o buscam. É a busca pela experiência profunda com o Ressuscitado (GRUPO FONTE, 2013, p. 163). É a convicção de que há a intervenção de Deus na história. Não é algo comum e semelhante aos outros e demais acontecimentos. Assim, ainda que contenha suas dificuldades de sistematização de tudo o que está acontecendo, a experiência do e com o Ressuscitado precisa ser, paulatina e progressivamente, sistematizada. Frisa-se, no entanto, que o aspecto decisivo e norteador é o encontro com o Ressuscitado. O encontro com Ele deve levar a cada um a compreender de maneira radicalmente nova o mistério de Deus e a realidade da vida (PAGOLA, 2011, p. 503). O núcleo central e decisivo é o encontro pessoal com o Ressuscitado (PAGOLA, 2011, p. 505). E a convicção e a certeza de que Jesus é o Cristo anima e fundamenta a missão do discipulado, dando-lhes coragem de anunciar com alegria a vida nova em Deus, porque Ele é o Vivente (RATZINGER, 2011, p. 247). Ele é o Deus dos vivos e não dos mortos (Mt 22, 32). Ele é ressurreição e a vida (Jo 11, 25). Afirma Pagola:

Os seguidores de Jesus refletiram sobre o ocorrido, recorreram à sua fé na fidelidade de Deus e em seu poder sobre a morte, recordam o que viveram junto a Jesus com tanta intensidade. Neste processo confluem perguntas, reflexões, acontecimentos inesperados, vivências de fé especialmente intensas. Tudo foi contribuindo para despertar neles uma fé nova em Jesus, embora esta experiência que eles vivem de sua presença viva depois da morte não seja fruto exclusivo de sua reflexão. Eles atribuem a Deus. Só Deus pode estar revelando a eles algo tão grande e inesperado. Sem a ação de Deus, eles se teriam perdido em suas perguntas e cavilações, sem chegar a nenhuma conclusão segura e prazerosa sobre o destino de Jesus. (2011, p. 499).

O Ressuscitado traz-nos a nova esperança. Doravante, a morte e a injustiça não podem ser a última palavra da história. Na ressurreição, Deus atua com sua força criadora em favor do Ressuscitado. “A última palavra pertence a Deus. E é uma palavra de amor ressuscitador para com as vítimas. Os que sofrem haverão de saber que seu sofrimento terminará em ressurreição.” (PAGOLA, 2011, p. 271). A ressurreição dá-nos a resposta às mais angustiantes perguntas que nos fazemos: *Qual é o futuro do mundo? O que podemos esperar? Que sorte nos espera após esta vida?* A ressurreição nos dá uma nova luz e

esperança. É a esperança no futuro da história. É também o sentido e o caminho da história. Não é a ressurreição de alguém que ressuscitou para o julgamento final. O escandaloso, ou seja, a grande novidade é que foi ressuscitado o que fora condenado injustamente. A ressurreição anuncia que o Ressuscitado é o Crucificado e o Crucificado é Jesus de Nazaré. “A fé cristã na ressurreição não anuncia tendências históricas ou esperanças antropológicas, mas, uma nova justiça em um mundo onde mortos e vivos clamam por justiça.” (MOLTMANN, 2011, p. 222). A ressurreição não nos deixa presos ao passado ou amarrados ao presente. Abre-nos sempre ao futuro, já vislumbrado como sinal em Jesus Cristo, pois se, no sentido temporal, Jesus morreu e ressuscitou, no sentido escatológico, o último, isto é, o Ressuscitado torna-se o primeiro (MOLTMANN, 2011, p. 230). Assim, a morte não é a última palavra da história. A ressurreição desencadeia o seguimento de Jesus histórico. Porque é o caminho para a realização dos ideais escatológicos. Em suma, a ressurreição de Jesus dá-nos a certeza: nós iremos ressuscitar com Ele (Rm 6,1-11). Mas, para tanto, precisamos nos decidir por Ele. É preciso encontrar-se com Ele. “A verdadeira fé sempre nasce do encontro pessoal com Jesus como ‘companheiro de caminhada’.” (PAGOLA, 2012, p. 370). O encontro com o Ressuscitado não apenas ilumina o que está na frente, mas lança luzes também ao que ficou para trás. Noutras palavras, sublinha Moltmann:

O Cristo de Deus representa o próprio Deus em um mundo que ainda não foi salvo. O Filho de Deus é o procurador do Pai em um mundo ímpio e abandonado. O *Kyrios* faz a mediação entre o homem passageiro e o Deus que vem, assim como entre a transgressão dos homens, que os lança nessa transitoriedade, ou seja, o pecador, e o Deus santo e julgador que vem. A adoção e entronização de Jesus por meio de sua ressurreição dentre os mortos define seu papel objetivo e temporal como mediador entre Deus e os homens. (MOLTMANN, 2011, p. 224).

O encontro com o Ressuscitado torna a pessoa sensível às coisas de Deus. O novo trazido pela ressurreição é a paz e a alegria, o amor e a fé, a misericórdia e a esperança, a bondade e a paciência, a benevolência e a mansidão, a solidariedade e a partilha de dons (GRUPO FONTE, 2013, p. 164). O encontro com o Ressuscitado suscita uma vida nova e leva a pessoa a dispor-se para a missão. São Paulo, por sua vez, não cansa de dizer e cantar a grandeza e a beleza da liberdade cristã em Cristo. Arrancou-nos do flagelo da lei, das cadeias do demônio, do flagelo da morte e chamou-nos a viver na verdadeira liberdade de filhos e filhas de Deus (Gl 3, 13; Gl 5, 1). Ele nos deu a liberdade do *homem novo*. A liberdade do *homem novo*, a liberdade cristã, é liberdade que impele à justiça, ao serviço de Deus, ao amor ao próximo (Rm 6, 16; Fl 2, 5ss). Agora, os cristãos, resgatados da antiga escravidão, deverão colocar-se, mediante a caridade, a serviço uns dos outros. O segredo da liberdade dos filhos e

filhas de Deus está, pois, em viver na caridade, ou seja, no dom constante de si a Deus, aos irmãos e às irmãs. O amor a Deus e ao próximo é a realização da lei, o vínculo da perfeição (Cl 3, 12-14). Só a pessoa que ama a Deus e ao próximo é verdadeiramente livre. Segundo São Paulo, a verdadeira liberdade está na passagem da escravidão à liberdade em Jesus Cristo. Libertação de uma vida programada externamente por um minucioso código de regras e leis, que conservam o ser humano numa atitude infantil diante da vida, para uma vida adulta e consciente, graças ao uso responsável da liberdade. A vida da pessoa humana é verdadeiramente livre, quando fundamentada por um compromisso pessoal e íntimo com Cristo (Gl 2, 20). Assim, a verdadeira liberdade é conduzida pelo amor a si mesmo e aos outros, amor que é compromisso ativo com o crescimento do outro (Gl 5, 1-13). Portanto, de acordo com a leitura de São Paulo, a liberdade, é dom de Deus, ou seja, é ação de Deus que suscita a liberdade na pessoa humana. Trata-se, pois, do ser humano que se deixa mover e conduzir pelo dinamismo do espírito. Afirma Gutiérrez:

O dinamismo e a vida expressos na palavra “espírito” se acentuam quando a pessoa humana é considerada sob o ponto de vista da ação de Deus sobre ela. Espírito e seus derivados designarão a vida segundo a vontade de Deus, isto é, vida de acordo com o dom da filiação divina que se exprime na fraternidade humana. (2000, p. 80).

O Espírito Santo não deixa a Igreja se desviar do caminho. O Espírito de Pentecostes esclarece, primeiramente, para os Apóstolos toda a vida, obra, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. “Quando vier o Espírito da Verdade não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará a vocês as coisas que acontecerão.” (Jo 16, 13). Pentecostes permitiu que os Apóstolos compreendessem todos os acontecimentos que sucederam com Jesus, principalmente sua morte e ressurreição. O Espírito Santo revela plenamente o Mistério Pascal de Cristo. Por outro lado, com o Pentecostes dá-se o início ao povo de Deus, povo da nova aliança. Com o Espírito vem a missão da Igreja (Jo 20, 21-22). Os Apóstolos não mais ficam fechados, com medo. Eles partem, entretanto, com alegria, para anunciar o Cristo Ressuscitado. O Espírito Santo dá força necessária aos Apóstolos para testemunhar, com fidelidade, o Cristo glorioso, ressuscitado e sentado à direita de Deus Pai. O Espírito Santo caracteriza-se pela abertura, unidade. É dinamismo para o povo de Deus realizar a sua missão na perspectiva do Reino de Deus na comunidade viva que se prepara para a ressurreição, quando “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,28). A força do Espírito manifesta entusiasmo e vigor de Cristo Ressuscitado na comunidade de fé. Ele atrai os homens para a missão de anunciar a Palavra de Deus, testemunhá-la numa realidade concreta. O Espírito Santo destrói, corta o mal. Constrói. Edifica. Revigora a semente do Reino de Deus, para que possa dar

frutos de vida e dignidade. Por isso, o Espírito é a força de Deus que gera sempre o novo, desafia e interpela os cristãos a renovar constantemente a Igreja. Com o Espírito Santo, a Igreja vive o tempo da missão como dimensão que sustenta sua existência. A Igreja realiza-se na missão, inserindo-se na dinâmica do Reino de Deus, que é a concretização da nova aliança. “Deus é amor” (1 Jo 4,8-16). A Igreja, que é dom do amor do Pai, animada pelo Espírito Santo, leva-nos ao compromisso cristão de amar a Deus e os irmãos, vivendo na esperança, prolongando o tempo de Cristo e aguardando a sua volta gloriosa. Nesse sentido, o Espírito exerce o papel do carisma profético e do discernimento dos sinais dos tempos. O Espírito introduz a pessoa humana no seguimento de Jesus histórico, no seu Reino. O Espírito age por meios discretos. Ele age por meio de todas as pessoas, mas, sobretudo por meios dos pobres. À Igreja cabe ser sinal do Reino de Deus e escutar o grito dos oprimidos, pois o Espírito é criador de liberdade. Por isso, o Espírito sopra onde quer e serve-se da pessoa humana, que dá resposta à aliança, conduzindo a história para a vida plena na Santíssima Trindade. Por isso, O Espírito flui na história e leva as pessoas para ser sinal da aliança pela missão e compromisso que assumem com o Reino de Deus. Desse modo, Pentecostes é o envio do Espírito Paráclito sobre os Apóstolos e também sobre nós, levando-nos a compreender a vida de Cristo na nova aliança. Compromete-nos com a Igreja, povo da nova aliança, animada pelo Espírito.

O cristão, desafiado pela conjuntura, é chamado a viver a experiência de descobrir, na partilha solidária, a presença de Deus em meio aos desafios. A comunidade de fé é convocada a construir o projeto de Jesus, continuamente ameaçado pelas forças de morte. A solidariedade do Caminhante é força libertadora na história. Esta requer um olhar lúcido e criativo, que expresse a fé na solidariedade com o povo desanimado e desorientado. A ação solidária e comunitária é sinal do Reino que faz acontecer a vida nova, fruto do Ressuscitado. (GRUPO FONTE, 2012, p. 172).

*A história tem sentido escatológico, porque é sempre orientada pela promessa. A ressurreição é o centro da esperança cristã. É o elemento fundamental da esperança, que tem como causa e modelo a ressurreição de Jesus Cristo, pela ação do Espírito vivificador dos mortos (1Cor 15,45). O fato é que o Espírito de Deus ressuscitou a Jesus Cristo, o que nos dá a certeza de que também nós seremos ressuscitados (Rm 8,11), porque a vida e a aliança não terminam com a morte, mas pelo ato criador de Deus somos chamados a viver o *homem novo* na aliança eterna, juntamente com um novo cosmos. A ressurreição final representa o último ato vitorioso da libertação de Deus sobre a morte, já tornada presente na ressurreição de Jesus.*

“Assim, a ressurreição de Jesus não relativiza a cruz como uma data que já passou ou como uma etapa intermediária para glória celestial, mas a qualifica como um evento escatológico da salvação”, pois ela diz quem foi que realmente sofreu e morreu. Portanto, o Crucificado não se transformou em um resuscitado e exaltado.

Antes, sua ressurreição qualifica o Crucificado como Cristo e seu sofrimento e morte como um evento de salvação por nós e por muitos. A ressurreição “não torna a cruz inútil” (1Cor 1.17), mas a plenifica com escatologia e sentido salvador. Conclui-se daí que todas as interpretações mais concretas a respeito do significado salvador de sua morte na cruz “por nós”, precisam partir sistematicamente de sua ressurreição. (MOLTMANN, 2011, p. 228).

Assim, a ressurreição final é a conclusão do processo da aliança e da ressurreição como triunfo definitivo da vida. A plenitude deste encontro definitivo com o amor de Deus que nos ressuscita para a eternidade, prometida desde a criação, é denominada de parusia. É a plenitude da aliança na qual todas as coisas serão transparentes. Será o face a face. A parusia é, antes de tudo, parusia de Cristo que na morte e ressurreição revela a face e o encontro definitivo com o Pai. Nela aparecem gloriosamente Jesus Cristo e todos os que aderirem à aliança no seguimento de Jesus o serviço do seu Reino. O comparecimento e copresença face a face será para cada pessoa, em sentido solidário e comunitário, a plenificação de cada um e de todos em Jesus Cristo. Por outro lado, haverá também, na graça de Deus, a quem não aceitar a proposta de Deus, a possibilidade da autoexclusão daqueles que não aceitaram a aliança proposta a todos do amor gratuito de Deus. A parusia, como momento de transparência, isto é, face a face, é o momento em que definitivamente cada um pode dizer não à aliança com Deus. É a liberdade humana de possibilidade real, mas fora de Deus. É a autoexclusão consciente e livre do homem dos planos de Deus. É a decisão definitiva de um processo, da orientação fundamental da vida como exclusão do amor ao plano de Deus. Por isso, a parusia é presença (2Cor 10,10) e vinda (2Cor 7,6-7) da manifestação da glória, justiça e soberania universal de Deus no término da história. É a segunda vinda de Cristo como Rei triunfante que vem para julgar a história, a partir do critério dos mais pequeninos (Mt 25,31). Será a manifestação total da glória de Cristo e de todos os que foram fiéis à Aliança. Então, a criação será “novo céu e nova terra” (Ap 22,1). Será a libertação definitiva e a felicidade plena, porque “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,28). A Aliança será plena e eterna. Essa plenificação da aliança na vida eterna constitui-se: - em ver a Deus face a face na dinâmica amorosa entre a criatura e o Criador; - em estar com Cristo e com Ele somos incorporados ao *homem novo*; - em viver a vida no Espírito e nos seus dons, pois o Espírito é o portador da verdade e da vida nova, a energia que nos faz ser comunhão, alegria e paz; - em viver a comunhão dos santos, uma vez ser a perfeição de toda a experiência comunitária vivida, isto é, a configuração de como Deus se relaciona com todos e cada um na comunhão trinitária; - em viver a felicidade plena, a abundância, a beleza, a plena realização do corpo e a vida cheia da graça divina; - em viver plenamente o novo céu e a nova terra, ou seja, tudo transfigurado e

plenificado na comunhão da Trindade Santa. Nesse sentido, a dimensão escatológica é inerente ao processo da aliança sobremaneira sob dois prismas. Primeiro, a aliança é processo escatológico, porque se orienta em direção ao futuro. Este futuro, já vislumbrado em Cristo Ressuscitado, invade o presente e faz com que *já agora* haja sinais do Reino na tensão entre o *já* e o *ainda-não*. Além disso, esse processo de aliança ruma para sua plenificação escatológica. Esta se dará na parusia, que é o encontro pleno da humanidade com a Trindade. É a plena comunhão trinitária. É o encontro dos que aderiram e foram fiéis à aliança e tornaram-se, pela ressurreição, *criaturas novas*. É a aliança plena no amor de Deus.

REFERÊNCIAS

COMBLIN, José. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 2010.

COMBLIN, José. *Jesus, enviado do Pai*. São Paulo: Paulus, 2009.

GRUPO FONTE. *Manancial de vida*. Exercícios espirituais. Porto Alegre: Pacartes, 2013.

GRUPO FONTE. *O caminho de Jesus*. Exercícios espirituais. Porto Alegre: Pacartes, 2012.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber em seu próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. São Paulo: Loyola, 2000.

MARTINI, Carlo Maria. *Reencontrado a si mesmo*. Há um momento em que devemos parar e procurar. São Paulo: Paulinas, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus*. Aproximação histórica. 3ª edição. Petrópolis, Vozes, 2011.

PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2012.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2011.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Primeira parte: do batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2007.

ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002.

RUBIO, Alfonso Garcia. *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 1994.

SUSIN, Luiz Carlos. *Jesus: Filho de Deus e Filho de Maria: ensaio de cristologia narrativa*. São Paulo, Paulinas, 1997.